



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“[...] qualquer língua é sempre heterogênea, ou seja, constituída por um conjunto de variedades (por um conjunto de normas). Não há, como muitas vezes imagina o senso comum, a língua, de um lado, e, de outro, as variedades. A língua é em si o conjunto das variedades. Ou seja, estas não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua: é o conjunto de variedades (de normas) que constitui a língua.”

(Carlos Alberto Faraco)

Primeiro-Tenente (RM2-T) Janaína de Souza Lanini¹

Uma nação apresenta diversos traços de identificação, e um deles é a língua. Esta pode variar de acordo com alguns fatores, tais como o espaço, o tempo, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente.

Há variações entre as formas que a Língua Portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada.

Quantas vezes não rimos quando ouvimos alguém dizer que a “bicha (fila) está grande” ou achamos graça no modo de falar de um paranaense ou de um mineiro, por exemplo, com todos os seus “uais” e “trens”? Não podemos nos esquecer daqueles que não falam a língua

a qual julgamos “correta”. Neste caso, geralmente os comentários vêm acompanhados de expressões cheias de sarcasmo contra os falantes da forma “incorreta”. Segundo Faraco (2008, p.28), “[...] bastaria lembrar aqui os efeitos deletérios dos preconceitos linguísticos e da violência simbólica que se pratica em nome da língua nas nossas relações sociais e, em particular, na educação linguística que oferecemos a nossas crianças e jovens.”

A mesma língua pode variar significativamente em diferentes lugares do mundo. Como não é um sistema fechado e imutável, a Língua Portuguesa ganha diferentes nuances.

Assim, o que se pretende aqui é mostrar que existem variações na maneira de falar da sociedade, de acordo com a região, a classe social, a situação em que um indivíduo se manifesta verbalmente e etc.; mas não

1 Formada em Letras (Português/Literaturas) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Pós-Graduada em Supervisão Escolar pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ).

A linguística apresenta três tipos de variações: diastráticas, diatópicas e diafásicas. A variação diastrática é aquela que ocorre em virtude da convivência entre os grupos sociais e, como exemplo, podemos citar a linguagem marinheira (“pé de galo”, “cartear”, “agulha”, etc.)

Já a variação diatópica é a ocorrida em virtude das diferenças regionais, como, por exemplo, a palavra aipim, referindo-se à raiz de uma planta, de elevado teor alimentício, e que, em Minas Gerais, é chamada de mandioca e, no Maranhão, de macaxeira; destacando-se, ainda, os termos tangerina, bergamota ou mexerica; abóbora ou jerimum.

E, por último, as variações diafásicas, que são estabelecidas de acordo com o contexto comunicativo (grau de formalidade), ou seja, um aluno não se reporta ao diretor de sua escola da mesma maneira com a qual ele se reporta aos seus colegas.

É claro que devemos ensinar nossos alunos a escreverem de acordo com a norma padrão e a ortografia oficial. Longe de mim querer dizer o contrário. Porém, não podemos fazer isso promovendo como “incorretas” as pronúncias das pessoas de cada canto do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 5. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 54. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.



Diretoria de Administração da Marinha "Transformação pela Gestão"

Principais Serviços:

Acesse:

INTRANET: www.dadm.mb

